

São João Batista Scalabrini: pés no chão, olhos em Deus, mãos solidárias

Alfredo José Gonçalves

1 INTRODUÇÃO

O título procura trazer à luz três características fundamentais da vida e obra de São João Batista Scalabrini. Os “pés no chão” expressam sua meticulosa atenção aos sinais dos tempos, o que o torna uma figura antenada com os acontecimentos que marcaram o século XIX, bem como a virada para o século XX. Entre outros, representa um homem de sua época, atento e sensível aos temores e tremores que sacudiram a Europa e o mundo em transformação. A trajetória de sua existência se confunde com o pulsar de uma época onde reinam, simultaneamente, “a sede de coisas novas” e grande “agitação febril”, para usar as palavras do Papa Leão XIII (1891) na abertura da Carta Encíclica *Rerum Novarum*, documento publicado em maio de 1891 e que inaugura aquilo que viria a ser considerado como Doutrina Social da Igreja (DSI)¹.

Os “olhos em Deus” dão conta de sua profunda espiritualidade, centrada por sua vez na devoção reverente à Eucaristia, à figura de Maria e à Cruz. Deste tríptico poço, rico e abundante, brotará a água viva e vivificante que haverá de alimentar sua trajetória de pastor, como também aquela de pai e apóstolo dos migrantes. São bem conhecidas e notórias as horas passadas diante do Santíssimo, da imagem de Maria e do madeiro onde Jesus ofereceu sua vida. Não seria exagero afirmar que, ébrio de amor e santidade, Scalabrini se prepara para seguir os caminhos e passos tanto de seus fiéis diocesanos quanto dos migrantes.

E por falar nisso, as “mãos solidárias”, enfim, tentam abarcar toda sua obra sociopastoral, seja no zelo apostólico para com a diocese de Piacenza, norte da Itália, porção do Povo de Deus que lhe foi confiada, seja na solicitude social e pastoral para com os conterrâneos que, aos milhares e milhões, embarcavam por mares e oceanos *per far l’America*. Sensibilidade e solidariedade constituem marcas registradas desse pastor intrépido, que, a exemplo de São Carlos Borromeu, cardeal de Milão no século XIV, a quem muito admirava, não hesitará em desfazer-se de seus bens para socorrer os pobres, doentes e desvalidos.

2 PÉS NO CHÃO

Iniciemos este item citando a *Gaudium Et Spes*, do Concílio Ecumênico Vaticano II: “O gênero humano encontra-se hoje em uma fase nova de sua história, na qual mudanças profundas e rápidas estendem-se progressivamente ao universo inteiro” (PAPA PAULO VI, 1965, GS, nº 4). Esta frase, embora escrita 60 anos depois da morte de João Batista Scalabrini, aplica-se de forma perfeita ao tempo em que ele desempenhou sua obra, isto é, na segunda metade do século XIX. O mesmo ocorre, como já assinalamos, com a frase de abertura da *Rerum Novarum*: “A sede de inovações, que há muito tempo se apoderou das sociedades e as tem numa agitação febril, devia, tarde ou cedo, passar das regiões da política para a esfera vizinha da economia social” (PAPA LEÃO XIII, 1891, RN, nº 1). Não se trata de mera coincidência. Direta ou indiretamente, a figura de Scalabrini contribuiu de maneira decisiva para o contexto histórico de ambos os documentos.

Disso decorre que a vida, os escritos e a obra do bispo de Piacenza constituem um retrato vivo das grandes transformações provocadas pelo auge da Revolução Industrial, com seus efeitos, implicações e consequências. Não é incomum os estudiosos batizarem esse período de “século do movimento”. Movimento de máquinas, de mercadorias e de pessoas. Ao mesmo tempo que os campos se esvaziavam, as cidades inchavam no entorno das oficinas têxteis, metalúrgicas, de couro etc. Enquanto boa parte dos trabalhadores e trabalhadoras são admitidos em semelhantes fábricas incipientes, outra parte vê-se obrigada a deixar o Velho Continente em busca de terras novas do outro lado do Oceano Atlântico. De acordo com as estimativas dos analistas, desde as primeiras décadas do século XIX e as primeiras do seguinte, entre 65 a 70 milhões de pessoas deixaram os países da velha Europa (GAY, 2001; HOBBSAWM, 2013)².

Limitando-nos à Península italiana, entre 1815 e 1915, nada menos do que 25 milhões de pessoas emigraram de seu território. Na década de 1901 a 1910, a média anual de emigrados chegou a 600 mil. O ano de 1913, por sua vez, representa o recorde de saídas: mais de 850 mil pessoas (BRAUDEL, 2017)³. Para se ter uma ideia mais exata do volume de semelhantes deslocamentos humanos, de modo particular entre Itália e Brasil, vale citar os estudos do Pe. Antonio Perotti (2004), no período em que exerceu a função de diretor do CIEM-*Centre d’Information et d’Études sur les migrations*, em Paris, França. Escreve ele: “Nesse decênio de transição do Império para a República, entrou no Estado de São Paulo uma verdadeira avalanche de italianos.”

A comunidade italiana no Brasil, acrescida de 554.000 unidades, chegava, em 1901, a 1.110.000 indivíduos, concentrados, sobretudo, em São Paulo. Em 1897, os italianos constituíam quase a metade da população da cidade: 112.000 sobre 260.000. A cidade de São Paulo viu quadruplicar sua população entre 1890 e 1900: de 64.934, em 1890, para 239.820, em 1900 (GONÇALVES, 2022)⁴. Convém, ainda, citar um historiador brasileiro:

“A situação europeia deslocou o fluxo emigratório para o sul da Itália. As entradas [no Brasil] ascenderam rapidamente dos 13 mil, nos anos de 1870, aos 30 mil, só em 1886; em 1887, chegam a 55 mil; em 1888, da ordem de 133 mil. O total para o último quartel do século ficou acima de 800 mil, sendo quase 600 mil italianos (SODRÉ, 1971, s/p.)⁵.

J. B. Scalabrini, como pastor da Igreja, foi testemunha privilegiada seja dessas modificações profundas, seja do êxodo que elas causaram. E o foi de forma bifurcada: se, por uma parte, ao visitar as paróquias e comunidades da diocese de Piacenza, encontrava quase somente idosos, mulheres e crianças, por outra parte, recebia do outro lado do mar cartas de apelo para que enviasse missionários que ajudassem os emigrados a manter “o sorriso da pátria e o conforto da fé”, como escreverá o bispo, pois “aqui vivemos como bestas, sem a santa missa e sem os sacramentos”. Desde os anos de sacerdote, aliás, já se interessava por aqueles que, devido ao trabalho pelo sustento da família, tinham que deixar sua casa e sua terra por determinado tempo, para a colheita do arroz e do trigo, a fabricação do carvão, entre outros serviços sazonais e que exigiam ausência de alguns meses.

Como se pode verificar, a compaixão evangélica para com os desterrados – primeiramente os mondadores e depois os emigrados – se manifesta e se desenvolve desde muito cedo. Toma consciência do fenômeno das migrações e logo passa a empenhar-se para mitigar e diminuir o sofrimento de tanta gente sem raiz e, não raro, sem rumo. Nisso o bispo Scalabrini soma-se aos chamados “santos sociais” da segunda metade do século XIX: são os fundadores e fundadoras de novas congregações religiosas, de caráter marcadamente apostólicas, voltadas para certas categorias e/ou situações que permaneciam à margem dos benefícios da Revolução Industrial. Vale citar alguns exemplos: João Bosco e os salesianos, no cuidado para com os jovens; Madre Francesca Xavier Cabrini, e sua atenção com os emigrados nos Estados Unidos; Eugênio de Mazenod, fundador dos missionários Oblatos de Maria Imaculada, com os olhos voltados para os países vizinhos; Madre Paulina do Coração de Jesus, fundadora das Irmãs da Imaculada Conceição, preocupada com os órfãos e viúvas, e assim por diante.

Isso sem falar da obra de Frederico Ozanam, e sua assistência às famílias pobres e abandonadas. Embora sua vida se desenrole durante a primeira metade do século, é na segunda metade que sua obra ganhará força e maior abrangência. A Obra Kolping, fundada por Adolph Kolping, em 1850, por sua vez, tendo se originado em Colônia, Alemanha, se organiza como organização internacional de apoio sociopastoral aos operários e seus familiares. No contexto em que nasceram e se multiplicaram, não seria exagero afirmar que esses “santos sociais”, em sua abertura e atenção para os desafios de um mundo em constante mudança, figuram como uma espécie de precursores remotos do Concílio Vaticano II, especialmente no diálogo com os problemas do mundo moderno. Verdadeiros igarapés que irão engrossar o rio caudaloso da Doutrina Social da Igreja (DSI).

A esse respeito, o contexto da época ajuda a compreender por que o subtítulo da Carta Encíclica *Rerum Novarum* – “a condição dos operários” (1891) – praticamente coincide com o estudo de Friedrich Engels ([1844] 2010) sobre “a situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, quase com 50 anos de diferença entre ambos. A esta altura, convém cruzar as palavras do Pontífice que iria inaugurar a DSI com as do bispo J. B. Scalabrini. “ O Papa Leão XIII, por um lado, sonha com a ‘suspensão do movimento de emigração: com efeito, ninguém quereria trocar por uma região estrangeira a sua pátria e a sua terra natal, se nesta encontrasse os meios de levar uma vida mais tolerável’ (PAPA LEÃO XIII, 1891, nº 30). Já o apóstolo dos migrantes, por outro lado, escreve que ‘onde está o povo que trabalha e sofre, aí está a Igreja’. Cada um avalia e reconhece a obra do outro, pois, no fundo, trata-se da mesma e única solicitude pastoral, a de estar presente junto aos mais pobres e indefesos, das pessoas cuja vida encontra-se mais ameaçada.

Dois figuras que souberam ser protagonistas do seu tempo. Ao mesmo tempo que o Papa Leão XIII concentra sua atenção sobre a situação concreta dos operários, procurando defender os direitos e a dignidade humana dos trabalhadores da indústria, o bispo J. B. Scalabrini atravessa o oceano e se volta para os emigrados de além-mar e suas famílias. Ambos sinais proféticos de uma época, filhos do contexto de seu tempo. Duas respostas diferentes aos desafios de um mundo conturbado, mas complementares e igualmente evangélicas. O cenário, que é duplo, exige uma dupla resposta pastoral: o incentivo à organização sistemática dos operários das fábricas, por um lado, e, por outro, o acompanhamento dos enormes deslocamentos de massa, o fenômeno das migrações maciças.

Tanto o Papa Leão XIII quanto Scalabrini, com sua vida, obra e palavras, ampliaram a visão universal da Igreja. A sociedade evoluía a passos largos. “O mundo anda depressa e nós não podemos parar”, dizia o apóstolo dos migrantes. Novos caminhos se abriam a partir de veredas trilhadas pelos operários e pelos migrantes. Sonhos e esperanças se quebravam e se reerguiam. Caminhos de dor e sofrimento, sem dúvida, mas também caminhos de fé, teimosia e resistência. No meio do caminho, Leão XIII e Scalabrini: homens de Deus, homens da Igreja, homens dos pobres, homens de sua época, homens do futuro⁶.

Num caso como no outro, transparece a atenção e a profunda solidariedade do Mestre que, “ao percorrer todas as aldeias e cidades”, e ao encontrar as “multidões cansadas e abatidas, sente compaixão, porque eram como ovelhas que não têm pastor” (BÍBLIA, Mt. 9, 35-38). Dessa forma, será lícito concluir que a solicitude de São João Batista Scalabrini para com os emigrados seja contemporânea da nova sensibilidade da Igreja para com a chamada “questão social” dos trabalhadores e trabalhadoras. Numa palavra, é igualmente lícito afirmar que a Pastoral dos Migrantes nasce e se desenvolve no bojo do que viria a se tornar a Pastoral Social. Historicamente, ambas são irmãs gêmeas.

3 OLHOS EM DEUS

A ação social, religiosa e pastoral de Scalabrini, bem como seus numerosos escritos, mergulham suas raízes numa espiritualidade robusta, contemporaneamente profunda e profícua. Se é certo que tinha os pés firmes e solidamente fincados no chão histórico daquela época, é igualmente verdade que se movia com os olhos e o pensamento voltados para Deus. Não será incomum referir-se ao tripé de sua espiritualidade – Maria, a Eucaristia e a Cruz – mas pode-se afirmar com toda a tranquilidade que, tal como um peixe na água, o bispo de Piacenza navegava e respirava no oceano infinito do amor e da misericórdia divina. Homem de Deus, sacerdote, profeta e pastor da Igreja, foi um verdadeiro intermediário entre a terra e o céu. Seu próprio nome contém a escada (*scala* em italiano) que liga e funde a vida humana ao sobrenatural. Hoje, homem reconhecidamente santo, como referência para nossos tempos, em que tantas pessoas seguem deslocando-se aos milhares e milhões.

Voltemos à *Gaudium et Spes*: “As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração” (PAPA PAULO VI, 1965, s/p., GS, nº 1) Novamente aqui, 60 anos antes do Concílio Vaticano II, São João Batista Scalabrini já procurava sintonizar as pulsações de seu coração não somente no ritmo de um discípulo de Jesus Cristo, mas também em direção “dos pobres e de todos aqueles que sofrem”. Em sua intensa existência de sacerdote e pastor, Deus e os pobres sempre se encontravam presentes na vida e na oração. A Scalabrini poder-se-ia aplicar o chamado tripé profundamente evangélico de uma espiritualidade cristã: montanha, casa/ mesa e caminho⁷.

3.1 Tripé da prática de Jesus

O conceito de *montanha*, na Bíblia, simboliza o lugar da epifania, lugar onde Deus se revela, espaço de luz e de encontro entre o Criador e a criatura. Percorrendo as páginas dos quatro relatos, veremos que, por diversas vezes, tropeçamos em alusões, implícitas ou explícitas, que dão conta do encontro de Jesus com o Pai. Escapa da multidão para rezar, passa a noite em oração, esconde-se no deserto, na montanha ou num lugar à parte. O texto da transfiguração, que precede a tragédia da paixão, por exemplo, ocorre na montanha com seus três discípulos mais íntimos. Com o cenário envolto em luz e em mistério, Pedro até sugere que se façam três tendas para se fixarem por ali. Mas, entre os numerosos exemplos, talvez seja melhor citar um outro: “Senhor, ensina-nos a rezar, como também João ensinou os discípulos dele” pede um de seus próprios discípulos. Estes o haviam encontrado “rezando em certo lugar”. Não será difícil imaginar a

luminosidade e a serenidade que emanava do rosto do Mestre nesses momentos de encontro com o Pai, a tal ponto que o brilho de sua face contamina quem o segue de perto. Desse momento herdamos a oração do Pai Nosso (BÍBLIA, Lc 11, 1- 4). Não passava dia sem que o bispo de Piacenza dedicasse longos momentos à oração, meditação e contemplação.

Já o termo *caminho* pode servir para designar a prática pastoral de Jesus. Em lugar de esperar pelo povo no templo ou na sinagoga, percorre as aldeias e povoados. Pela estrada, vai abrindo poços (encontros) com as pessoas que cruzam sua caravana. Desses poços, emergem sede e água, os valores e contravalores de cada pessoa e de cada cultura. À beira de cada poço, sede e água se misturam e se fundem. E o Mestre ressalta a fé deste e daquele. Existe aqui uma pedagogia de evangelização. Ou seja, evangelho não se leva nem se traz. A Boa Nova já está no coração de cada indivíduo e de cada povo. Parafraseando Paulo Freire, ninguém evangeliza ninguém e ninguém se evangeliza sozinho; a evangelização se dá no caminho, no encontro, à beira do poço. E tem sempre mão dupla: quem pretende evangelizar será evangelizado, e inversamente, o destinatário do ato de evangelizar também evangeliza. A partir de cada poço/encontro, quase todos proibidos pelas leis da época, emerge a fé viva das pessoas, tal como o funcionário romano, a mulher sírio-fenícia, a mulher que perdera o filho, e tantos outros casos. Vale citar o encontro de Jesus com a Samaritana (BÍBLIA, Jo, 4, 1-42). Quem evangeliza, Jesus ou a mulher? E se o poço/encontro for o verdadeiro agente evangelizador? Numa palavra, mais do que semear a Boa Nova, Jesus a colhe junto aos poços. “O Reino de Deus já está entre vós”! Scalabrini ultrapassou as fronteiras de sua diocese para abrir poços/encontros com os migrantes, não só na Itália, mas também em suas visitas ao continente americano.

Por fim, a expressão *casa/ mesa* nos remete à última ceia do Mestre com seus discípulos. Temos em mente, de maneira particular, o relato do Quarto Evangelho, capítulos de 13 a 17. São vários os gestos que se sucedem: a ceia propriamente dita, o lava-pés, o diálogo com os amigos na hora da despedida e a oração sacerdotal de Jesus ao Pai. Esses cinco capítulos já foram classificados de diversas formas: testamento espiritual de Jesus, coração materno de Deus, evangelho dentro do Evangelho. Tudo isso e mais alguma coisa! A verdade é que a própria linguagem ganha um caráter extremamente íntimo e familiar: “filhinhos”; “eu vou para junto do Pai, mas não vos deixarei órfãos”; “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”; “por um pouco não me vereis, depois me vereis de novo”; “na casa de meu Pai há muitas moradas, eu vou preparar uma para vós, para que onde eu estiver, estejais também vós”; “eu sou a videira e meu Pai o agricultor, fiquem unidos a mim” – e assim por diante.

Talvez não seja lícito fazer um paralelo, confrontando, de um lado, esse momento de separação entre Jesus e seus amigos mais próximos e, de outro, o envio que faz J. B. Scalabrini de seus primeiros missionários para as Américas. Guardadas as devidas diferenças, em ambos os casos a linguagem revela uma intimidade e um cuidado supremo entre quem parte e quem fica. Como se o

pai ou a mãe, pressentindo a morte próxima, chamasse seus filhos na hora da última despedida, confiando-lhes um testamento, conferindo-lhes uma missão especial. Casa/mesa, justamente, constitui esse binômio de refúgio, abrigo, conforto, segurança e profunda intimidade. Ambiente em que, ao mesmo tempo que o pão nutre o corpo, a presença, o olhar e as palavras do outro nutrem o coração e a alma. Por isso é que o comer humano, diferente dos animais, representa um momento sagrado. A casa é enfeitada para o banquete, e a mesa tem sua própria liturgia. Mesa que, como veremos adiante, pode transformar-se em altar, cenário privilegiado onde, na Eucaristia, o pão e o vinho transubstanciam-se em Corpo e Sangue de Cristo. De outro lado, a liturgia da mesa explica a festa: ninguém a frequenta porque está com fome, mas porque tem necessidade de ver/rever outras pessoas. Fome, sim, mas de encontro.

O tripé montanha, casa/mesa e caminho – oração, comunhão e missão – forma três dimensões complementares e indissociáveis da prática de Jesus e, por isso mesmo, da prática do cristão. E, como num espelho que reflete essa prática, encontramos as três dimensões na vida e obra de Scalabrini. Profundos momentos longe de todos e junto de Deus e do Santíssimo (montanha); grande empenho para manter unidos os membros do clero da sua diocese e, mais tarde, os missionários e missionárias das Congregações por ele fundadas (casa/mesa); e frequentes visitas pastorais, seja nas paróquias e comunidades da diocese de Piacenza, seja junto aos migrantes e missionários/as de além-mar (caminho). Com efeito, sabia o bispo que, faltando uma dessas dimensões, o tripé não podia sustentar-se. Com maior razão, vale o mesmo para a vida religiosa. Um consagrado ou consagrada que não desenvolve a intimidade com Deus, que não se esmera na vida comunitária e que não se dispõe à missão, poderá ser um bom agente social, sem dúvida, mas não um seguidor de Jesus Cristo.

Quanto mais aprofunda a intimidade com o Pai, na montanha, mais a oração reenvia Jesus ao caminho. E vice-versa, quanto mais se compromete com os pobres, doentes e desvalidos, no caminho, tanto mais terá necessidade de encontrar-se novamente com o Pai. Entre a montanha e o caminho, por sua vez, Jesus cria e recria, com grande frequência momentos de convivialidade e de comensalidade, na casa/mesa, como lares, abrigos e refúgios de retaguarda que nos sustentam nos momentos mais difíceis da existência humana. É comum encontrar Jesus à mesa, inclusive na casa dos publicanos pecadores. Não à toa é chamado de “comilão e beberrão”, em contraste com a intransigência e sobriedade de João Batista, o precursor (BÍBLIA, Lc 7, 31-35). Sempre salvaguardando as devidas diferenças, também Scalabrini: a) cultiva dia a dia sua profunda intimidade com Deus, a ponto de ser reconhecido como santo; b) vive intensamente a vida eclesial e comunitária no ambiente da Igreja de seu tempo; e c) percorre os caminhos mais ignotos e insólitos, seja na diocese que lhe foi confiada, seja no campo das migrações.

3.2 Scalabrini: a Palavra de Deus como fonte de espiritualidade

Ademais do tripé que acabamos de examinar, sobre o segmento evangélico, o bispo Scalabrini orientava sua vida espiritual através de três fontes de luz e paz, de graça e água viva: Eucaristia, Maria e a Cruz. De início, torna-se necessário sublinhar que não se trata de buscar o Deus tão cultuado na passagem da modernidade à pós-modernidade (ou modernidade tardia). Neste caso, a alma profundamente sedenta das sociedades contemporâneas costuma buscar, em lugar do Deus verdadeiro, uma série de ídolos para todos os gostos, sensações e interesses. Existem os *ídolos materiais*, com as raízes mergulhadas no capital financeiro, no dinheiro vivo, no poder e no domínio, na influência, na fama, no jogo, na conta bancária, na moda!... Enfim, em tantos outros atrativos, tão atrativos quanto efêmeros. Desencadeia-se uma corrida frenética a tudo aquilo que possa enriquecer e embelezar a aparência externa, coisas vendidas e compradas nas lojas dos shoppings centers, mas que deixam um sabor amargo na boca e um grande vácuo na alma. Instala-se então um paradoxo: quanto mais produtos a pessoa acumula, maior será o vazio interior de sua existência. O remédio agrava a doença.

Mas existem também os *ídolos espirituais*, cujas raízes, apesar de todos os apelos místicos, se revelam igualmente de barro. Trata-se, neste caso, das devoções intimistas e espiritualizantes, totalmente desvinculadas do contexto socioeconômico e político-cultural. Religiões privadas e privatizantes, que procuram cuidar do espírito, descuidando-se completamente do corpo e de suas feridas e cicatrizes. Nos dias atuais, multiplicam-se por toda parte expressões e práticas exóticas em nome da fé. Não raro, Deus é manipulado e instrumentalizado por interesses de toda sorte: pessoais, familiares, corporativos, partidários, políticos, ideológicos!... Convém aqui recordar a máxima segundo a qual aqueles que, em suas preces e práticas religiosas cotidianas, só têm nos lábios e na mente as “coisas espirituais”, é porque possuem sua vida material muito bem assegurada. Quem nasce em berço de ouro, tende a fazer o possível e o impossível para esquecer as “coisas materiais”. Os pobres e desvalidos, quando clamam aos céus, não podem esquecer o drama de suas vidas carentes e destroçadas pela miséria e a fome. Rezar então será uma súplica no sentido de garantir os direitos humanos básicos e, ao mesmo tempo, uma busca pelo significado mais profundo da existência humana.

Desnecessário assinalar que a espiritualidade do bispo Scalabrini nasce na tradição de uma fonte profundamente impregnada pelo Deus encarnado na pessoa e na trajetória da humanidade. Um Deus que irrompe no tecido da história para nos ensinar a costurar novas relações, seja com os irmãos e irmãs, seja com a natureza e os demais seres vivos. O Deus da aliança, simbolizado no arco-íris, faz um pacto não somente com os homens e mulheres, mas “com todos os seres vivos que estão entre vós e com todas as gerações futuras” (BÍBLIA, Gn

9, 8-17) Um Deus atento a todas as formas de vida – a biodiversidade – mas também com a preservação dessa mesma vida em seus mais variados símbolos, cores e expressões. Dois textos, um do Antigo Testamento e outro do Novo Testamento, podem ilustrar o Deus encarnado a que nos referimos. Não são passagens escolhidas de maneira aleatória. Ao contrário, ambas possuem uma relevância extremamente significativa: a primeira é tida pelos estudiosos como o “credo do Povo de Israel”, quanto à segunda, ainda conforme os analistas, representa um “resumo das atividades de Jesus”.

Vamos então à primeira passagem. Ela tem várias versões, sendo definitiva aquela do Livro do Deuteronômio, que dá origem ao credo (BÍBLIA, Dt. 26, 5-10). Aqui, entretanto, tomaremos em mãos aquela que é mais antiga, entrelaçando os comentários com alguns elementos da que foi citada anteriormente: “Iahweh disse: eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito, ouvi o seu clamor contra seus opressores, e conheço seus sofrimentos. Por isso descendi para libertá-lo do poder dos egípcios e para fazê-lo subir dessa terra a uma terra fértil e espaçosa, terra onde corre leite e mel (...). Por isso vai. Eu te envio ao Faraó para tirar do Egito o meu povo, os filhos de Israel” (BÍBLIA, Ex. 3, 7-10). Notemos, de início, os verbos utilizados na primeira pessoa do singular, atribuídos ao próprio Deus: ver, ouvir, conhecer, descer e enviar.

Os três primeiros verbos – ver, ouvir e conhecer – expressam atenção, sensibilidade e escuta. Iahweh se revela como um Deus que não esquece o povo oprimido, sob a escravidão imposta pelos egípcios. Já os dois últimos – descer e enviar – apontam para a ação. Não basta tomar conhecimento da situação em que vive a população, é preciso agir. Descer, por parte do Senhor, significa humilhar-se a si mesmo, um abaixamento da condição divina, como podemos ler na carta de São Paulo aos filipenses (BÍBLIA, Fl. 2, 6-11). Descida que deverá ser levada à sua plenitude no mistério da Encarnação. De outro lado, a conjunção entre descer e enviar será desempenhada por Moisés, Aarão e os demais líderes da libertação.

A conclusão é que Iahweh, desde os primórdios de Israel, se revela como o Deus que caminha com o seu povo pelas estradas do êxodo, do deserto, do exílio e da diáspora. Toma sobre os próprios ombros a condição dos antepassados mais antigos: “Meu pai era um arameu errante, que desceu ao Egito e ali residiu com poucas pessoas. Depois tornou-se uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém, nos maltrataram e humilharam, impondo sobre nós uma dura escravidão. Clamamos então a Iahweh!...” (BÍBLIA, Dt. 26, 5-10). Aqui as duas versões do “credo de Israel” se fundem para glorificar o Deus que os tirou do Egito e os conduziu à Terra Prometida.

Passemos à segunda passagem, agora extraída do Novo Testamento: “Jesus percorria todas as cidades e povoados, ensinando em suas sinagogas e pregando o Evangelho do Reino, enquanto curava toda sorte de doença e enfermidade. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas sem pastor (BÍBLIA, Mt. 9, 35-36). Novamente, aqui vale a pena

retomar alguns verbos. Primeiramente, o verbo “percorrer” nos apresenta o “profeta itinerante de Nazaré”. Seguindo o Deus do caminho do Antigo Testamento, Jesus percorre as estradas da Galileia, da Samaria e da Judeia onde, como vimos mais acima, vai abrindo poços em que se encontram a água e a sede das pessoas.

Mais contundente é o olhar de compaixão do Mestre sobre as “multidões cansadas e abatidas”. Compaixão é uma palavra composta: com + paixão. “Estar com” nas situações-limites da vida, nas paixões dos aflitos e atormentados. Situações como a doença, a morte, a separação, o abandono, o desemprego, a solidão, a fome, a dor, o sofrimento!... “Estar com” não é dar coisas, e, sim, dar-se a si mesmo. Oferecer o próprio tempo na hora da paixão do outro. “Nada tenho para te dar, mas estou contigo; vamos ao que podemos juntos fazer”. O perdão, a compaixão e a misericórdia formam três faces complementares e convergentes da mesma moeda, as quais caracterizam a passagem de Jesus “que passou pela vida fazendo o bem” (BÍBLIA, At 10, 38).

Tanto a promessa da Antiga Aliança, onde Iahweh não deixa de acompanhar seu povo pelos caminhos do êxodo, do deserto, do exílio e da diáspora, quanto a encarnação do Verbo na Nova Aliança, onde Jesus sente compaixão diante das multidões cansadas e abatidas – ambas terão na figura do apóstolo dos migrantes, São João Batista Scalabrini, um espelho de ampla e profunda transparência. Com efeito, no contexto histórico da Revolução Industrial e das migrações que lhe seguiram, o bispo de Piacenza soube fundir sua oração com a ação pastoral solidária junto aos desterrados e expatriados de sua época, como adiante será mostrado. Com razão, o Papa Pio XI passará a chamá-lo “pai dos migrantes”.

3.3 Eucaristia, Maria e Cruz

a). Eucaristia e Scalabrini são inseparáveis.

Vimos anteriormente que a mesa/casa, no episódio da última ceia com os discípulos e do lava-pés, pode se transfigurar em altar, e este, em cenário da celebração eucarística. Significa que, além de dar-se no pão e no vinho como alimento de seu próprio Corpo e Sangue, Jesus institui o ministério sacerdotal não como poder e glória, e, sim, como serviço aos outros, particularmente aos pobres, excluídos e vulneráveis. O ritual litúrgico da Eucaristia começa no templo, como celebração da Palavra e da memória do Senhor, mas desemboca nas ruas e praças, nas periferias e fronteiras. Desde o ponto de vista scalabriniano, realiza-se lá onde os migrantes lutam, sofrem e esperam. Toda celebração eucarística deve ter desdobramentos concretos no compromisso social com a justiça e a paz. Sem isso, não passará de um formalismo bem executado, sem dúvida, mas vazio e estéril.

Em outras palavras, a Eucaristia nos interpela e nos convida a *eucaristizar* a própria vida e o próprio tempo, seja no cuidado com as coisas e a natureza,

seja nas relações com as pessoas, em especial atenção para com “o outro, o estrangeiro e o diferente”. O verbo eucaristizar se estende sobretudo ao tempo do qual dispomos. Ele pode converter-se em latifúndio, em investimento ou em gratuidade. *Latifúndio*, quando nos fechamos e nos isolamos de tudo e de todos, cultivando o tempo como propriedade própria, a qual, não raro, vazia e improdutiva, transformar-se-á em terreno tomado pelas ervas daninhas. Tudo o que se acumula tende a apodrecer, envenenado pelo ar tóxico e irrespirável. Tempo acumulado vira tempo desperdiçado, vácuo e sem sentido. Forçosamente o tédio bate à porta.

Tempo *investimento* costuma ser marcado pela matemática do cálculo. Quanto vou ganhar se me ponho a “perder tempo com Fulano e Sicrano”? O tempo se converte em mera mercadoria. Investe-se somente, e tão somente, para redobrar o capital. Passamos a tratar o tempo com os critérios capitalistas, onde o lucro é o motor de qualquer ação, qualquer movimento. Segundos, minutos, horas e dias são contabilizados milimetricamente, no sentido de averiguar de forma correta o percentual de dividendos. “*Time is Money*”, dizia Benjamin Franklin. Perder tempo equivale a reduzir o acúmulo de capital, coisa que é absolutamente contrária ao jogo de xadrez do mercado. As leis do tempo e do dinheiro acabam sendo ditadas pelas regras e imperativos do mercado, hoje financeirizado e globalizado.

Tempo *gratuito* coloca-se sensível e solidariamente a serviço dos outros, convergindo de forma natural para onde a vida se encontra mais ameaçada. Tempo oferecido a quem, com ou sem voz, solicita ajuda. Tempo de Jesus, mas também tempo de Scalabrini. Sendo uma dádiva de Deus, o tempo pertence aos pobres, doentes, indefesos, marginalizados. Por isso se vê que a caravana de Jesus nunca ignora nem atropela aquele ou aquela que grita por socorro. Por vezes, os discípulos tentam desviar a atenção, mas o Mestre tem os ouvidos atentos aos clamores que chegam do chão e de fora. São numerosos os exemplos: os cegos de nascença, a mulher que perdera o filho, a mulher que há 12 anos sofria de hemorragia, os leprosos, a mulher sírio-fenícia, o funcionário romano, o publicano Zaqueu – seus apelos jamais se perdem indiferentemente. Diante da dor e do sofrimento, a caravana de Jesus sempre se detém. O caso mais emblemático é a parábola do Bom Samaritano. O “caído” à beira da estrada, e quem sabe da morte, não pode esperar.

Uma vez mais salvaguardando as devidas diferenças, Scalabrini também se mantém atento às cartas e lamentos dos migrantes e de seus familiares. Soube eucaristizar seu tempo com os que se viram forçados a deixar a terra natal e, por isso mesmo, buscam desesperadamente um solo pátrio. Chegou a vender objetos religiosos de grande valor para ir em socorro dos pobres. Sua solicitude sociopastoral, entretanto, sempre se voltou preferencialmente para com as pessoas que migravam de forma mais ou menos compulsória. A fundação de vários institutos voltados aos emigrados, como iremos ver, é prova disso.

b). Maria e Scalabrini também são inseparáveis.

Nela e em sua intercessão, o apóstolo dos migrantes busca proteção para sua intensa e complexa ação sociopastoral. A Virgem Maria estará presente não só em sua ardente devoção, mas também em meio aos fenômenos da migração. Com Maria e José, em sua fuga para o Egito, e com a Igreja, Scalabrini nos ajuda a analisar os deslocamentos humanos em dupla perspectiva. Se, por um lado, reconhece que a mobilidade humana pode constituir um “desígnio de Deus” que enriquece os povos e nações envolvidos nesse intercâmbio permanente, por outro lado não deixa de alertar profeticamente para os “mercadores de carne humana”, denunciando com força e coragem os traficantes que se aproveitavam da extrema necessidade dos migrantes.

Duas lições da casa de Nazaré, se assim podemos dizer, acompanham o bispo de Piacenza. A primeira tem a ver com a escola do silêncio. José, Maria e Jesus pouco ou nunca se manifestam, e, quando o fazem, prevalecem mais as ações do que as palavras. Responsáveis privilegiados do “Verbo que se fez homem e habitou entre nós” (BÍBLIA, Jo 1, 14), sabem que a Palavra verdadeira, no singular e com letra maiúscula, só pode germinar no terreno fecundo do silêncio e da escuta. As palavras, no plural e com letra minúscula, não raro distorcem e escondem a Palavra. Esta última, se e quando criativa, libertadora e portadora de conforto e paz, tem o silêncio como oficina. É aí que se forja a própria História da Salvação. Na verdade, o silêncio é o útero da Palavra. Na escola de Nazaré, e após 30 anos de silêncio ativo pela escuta, Jesus vem a público com a Boa Nova do Evangelho. A Palavra que cria, recria e salva, a mesma que faz avançar a história, é filha direta do silêncio sábio e respeitoso.

A segunda lição vem da própria mãe de Jesus. Por duas vezes o evangelista Lucas, repetindo praticamente as mesmas palavras, diz que Maria “guardava todas essas coisas em seu coração, meditando sobre elas” (BÍBLIA, Lc 2, 19.51). Os verbos guardar e meditar representam um modo todo especial de avaliar os acontecimentos diários e a própria trajetória humana, seja ela pessoal, familiar ou coletiva. Guardar e meditar é observar a história com os olhos do coração, ou com os olhos da fé. Vai bem além do olhar ao nível dos fatos brutos, quantitativos ou sociológicos, entrando na órbita do sentido último e mais profundo da existência. Significa reconhecer as digitais de Deus no pergaminho complexo e contraditório do espaço e do tempo. Por linhas tortas, diz o ditado popular, Deus escreve direito. Novamente aqui, como já tivemos ocasião de ver, Deus irrompe na história para abrir novas veredas e novos horizontes. Maria, José e Jesus, na escola do silêncio de Nazaré, não só se mantêm atentos ao projeto de Deus, mas nele se engajam para dar continuidade à história da salvação.

Mas há um aspecto que, em J. B. Scalabrini, funde a devoção a Maria com a contemplação da cruz. Trata-se da imagem da *Madona Addolorata* (em português, Nossa Senhora das Dores). Imagem que, de resto, ganhou grande popularidade nos meios cristãos-católicos. Quer dizer, Maria fiel até o fim, aos pés da cruz de seu Filho crucificado e atormentado por dores atroz. Uma

imagem emblemática e extremamente significativa, através da qual o sofrimento do povo se identifica com o sofrimento de Jesus e Maria. Na colossal tragédia da Cruz, desde o encontro com o Pai no Getsêmani – “Meu Pai, se é possível, afaste-se de mim este cálice; porém, não se faça a minha, mas a tua vontade” (BÍBLIA, Mt 26, 39) – praticamente todos os discípulos desapareceram, ao passo que Maria, junto com um pequeno grupo de mulheres, permaneceu firme junto à cruz, participando depois do sepultamento.

c). Por fim, a Cruz e Scalabrini são igualmente inseparáveis.

Fac me cruce inebriare – constitui uma expressão que, por si só, traduz um verdadeiro legado do santo de Piacenza. Legado diante do qual cabe uma pergunta. Que é que fazia inebriar Scalabrini ao contemplar o crucifixo? A verdade é que, como bem o sabemos, o madeiro maldito era um dos instrumentos de tortura mais cruéis do mundo antigo, usado particularmente pelo Império Romano. Condenados a essa morte bárbara, no alto da cruz, costumam ser os piores malfeitores ou grandes traidores. Jesus, portanto, sofreu um castigo da pior espécie, tendo sido inclusive substituído pelo perigoso e conhecido Barrabás, na troca que era costume ser feita por ocasião das festas da Páscoa. À pergunta de Pilatos durante o julgamento de Jesus, e insuflada pelas autoridades judaicas, a multidão não hesitou gritar em uníssono pela soltura do primeiro. “Mate esse homem e solte-nos Barrabás! Este tinha sido preso por causa de uma revolta na cidade, e por homicídio. Crucifica-o, crucifica-o”, gritava a multidão ensandecida (BÍBLIA, Lc 23, 18-21).

Voltemos à pergunta: o que inebriava Scalabrini diante do crucifixo? O fato é que, no alto da cruz, verifica-se um encontro único e irrepetível entre a maior injustiça contra um inocente, por uma parte, e o perdão do Messias divino, por outra. O contraste entre negativo e positivo é tamanho que provoca uma faísca. Faísca de um segundo, efêmera e extremamente luminosa, ao mesmo tempo fugaz e eterna. Nenhum gesto na história da humanidade se compara a esse. Ou seja, a vingança de Deus à injustiça e ao pecado do homem consiste no perdão. Perdão tão gratuito quanto o eram a hostilidade e agressividade. Como afirma o sociólogo francês René Girard (1978), Jesus interrompe a tradição sangrenta do “bode expiatório”.

Aquela faísca acende uma chama tão viva que nem tempestade, nem a fúria do vento e nem a turbulência poderão jamais extingui-la. Essa luz há de brilhar para todos os tempos. Luz que, contemporaneamente, ilumina e ressignifica os escritos do Antigo Testamento e iluminará igualmente os escritos do Novo Testamento. A cruz, de modo particular, se levanta como um marco que divide toda a trajetória humana pela face da terra: antes e depois de Cristo (a.C. e d.C.). Tanto isso é verdade que o madeiro maldito, instrumento de tortura e morte do Império Romano, se converteu em ícone do cristianismo, hoje multiplicado por centenas de milhões de casas, pelas Igrejas e não poucas repartições públicas.

O choque dessa luz com a maldade humana é tão contrastante que produz

uma reação nas fiéis mulheres que estavam junto à cruz, as quais, junto com José de Arimateia, se encarregarão do corpo do Mestre. Os gastos com perfumes caros e panos finos demonstram nelas uma espécie de intuição feminina com aquele personagem que acaba de morrer na cruz. Não seria exagero dizer que ele não será enterrado, e, sim, semeado. Em outras palavras, as mulheres intuem que ali está uma semente que haverá de brotar para toda a história. Não pode ficar oculta no seio da terra, seu brilho fará explodir novos horizontes e novos caminhos para a trajetória humana. Mais do que a ressurreição, é o perdão da cruz que revela o Messias como enviado do Pai, integrante do nome de Deus e da Trindade Santa.

Semelhante testemunho de perdão e de amor, em meio a dores e sofrimentos inigualáveis, será uma luz também para tantos crucificados da história e da economia globalizada que, no dizer do Papa Francisco, “exclui, descarta e mata”. Aos milhares e milhões, indivíduos isolados e/ou famílias são obrigados a abandonar sua terra natal por outra região ou país incerto e incógnito. Inúmeros peregrinos que, ao fazer a travessia de mares, desertos, florestas e fronteiras, acabam morrendo na cruz de tantos naufrágios, do absoluto abandono, do tráfico de pessoas humanas, da perseguição religiosa, política ou ideológica, do desemprego e da fome. “Feições sofredoras de Cristo”, como profetizará o Documento de Puebla (CELAM, 1979). E essas feições serão novamente visíveis no encontro do episcopado em Aparecida (CELAM, 2007), agora com um item reservado exclusivamente à condição vulnerável dos migrantes e refugiados.

Essa tríplice devoção de Scalabrini – à Eucaristia, Maria e à Cruz – constitui a escada que se encontra no seu brasão e em seu próprio nome, e que se torna agora uma ponte de intercessão entre o céu e a terra, entre o povo a caminho e o profeta itinerante de Nazaré, entre o verbo que se fez carne e armou sua tenda entre nós e as frágeis tendas e embarcações de tantos migrantes pelas estradas do êxodo, do exílio e da diáspora. Um santo para os nossos tempos, marcado por tantas mudanças, tantas inquietudes e tantos deslocamentos de massa. Um santo que alimenta e fortalece a fé e a esperança, os sonhos e a utopia, os passos e lutas daqueles que tentam abrir novos horizontes em busca de uma cidadania universal.

4 MÃOS SOLIDÁRIAS

As mãos solidárias de S. João B. Scalabrini se estendem bem além de sua jurisdição ordinária. Já foi dito que o “pai e apóstolo dos migrantes” possuía um coração maior que sua diocese. Uma das características de seu olhar de pastor é a atenção àqueles que, para sustentar a família, devem se ausentar de sua terra natal, seja temporariamente, seja em termos definitivos. Daí sua preocupação

pastoral, como padre, e depois na função de bispo, com trabalhadores sazonais da colheita da cevada, do feno, do trigo, bem como com os carvoeiros. Isso no que diz respeito ao território de suas vizinhanças, ao norte da Itália.

Mais tarde, no cenário da revolução industrial e na agitação febril do “século do movimento”, como vimos, suas mãos solidárias irão se estender ao ultramar, onde seus fiéis conterrâneos se aventuram “*per far l’America*”. Se as pessoas, as mercadorias e as máquinas estão em frenético movimento, Scalabrini não faz por menos. Começa recolhendo missionários e missionárias que se disponham a acompanhar os emigrados italianos no Brasil, nos Estados Unidos, na Argentina e, posteriormente, na Austrália e Nova Zelândia. Sem falar daqueles que migravam no interior do Velho Continente, em direção à Bélgica, França, Alemanha.

5 OS INSTITUTOS QUE HERDARAM O CARISMA SCALABRINIANO

Mas seus braços solidários se estenderão ainda mais a partir da fundação dos institutos criados com a finalidade de seguir seu carisma e sua intuição missionária. Em primeiro lugar, o prelado de Piacenza reproduz, no corredor migratório entre a Itália e as Américas, a Sociedade *San Raffaele*. Tratava-se de uma instituição leiga, já existente em outros países, para facilitar a saída, a viagem e a integração dos emigrados nos polos de origem e destino. Ela funcionou particularmente junto aos portos, por exemplo, em lugares como Boston e New York, Estados Unidos, e em Gênova, na Itália, e em Santos, São Paulo, Brasil.

Depois, veio a fundação da Congregação dos Missionários de São Carlos (scalabrinianos), em 28 de novembro de 1887. Inicialmente não eram muitos, mas enviados com muito carinho e longas recomendações quanto à oração, a vida comunitária e a missão. O símbolo do envio, a cruz que cada um recebia ao partir, tem tudo a ver não só com a espiritualidade de Scalabrini, mas também com as vicissitudes do apostolado. Exortava-os a trabalhar juntos, rezar juntos e juntos se ajudarem uns aos outros. *Mutatis mutandis*, não seria tão exagerado fazer um paralelo entre a ternura paternal (maternal) do Fundador, por ocasião do envio do primeiro grupo de missionários, e as palavras de Jesus aos seus apóstolos, logo após a última ceia, narradas pelo Evangelho de João nos capítulos 13 a 17.

Passados oito anos, em 25 de outubro de 1895, em conjunto com os irmãos Pe. José Marchetti e Assunta Marchetti, J.B. Scalabrini fundará a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo (Scalabrinianas). Desde os primórdios, aliás, o bispo sonhava com o ramo feminino de sua obra apostólica. Tanto Pe. José quanto Madre Assunta dedicaram-se incansavelmente ao cuidado dos órfãos, filhos e filhas de emigrados que morriam durante a viagem ou nos primeiros anos da chegada no Brasil. Não podemos esquecer que, a partir desses institutos, aos quais se juntam, décadas mais tarde, as Missionárias Seculares Scalabrinianas, hoje os braços do carisma scalabriniano cobrem mais de trinta países espalhados pelos cinco continentes.

A fundação de tais institutos, de resto, está estreitamente relacionada ao nascimento de outras congregações religiosas, especialmente na segunda metade do século XIX. Se é verdade que a Revolução Industrial acarretou uma série de benefícios para o progresso humano (comunicações, transporte, saúde, conforto etc.), também é certo que tais mudanças tecnológicas deixaram um rastro considerável de desafios para as multidões que esvaziavam os campos e se dirigiam às cidades ou aos países novos da América e da Oceania. Daí o surgimento dos chamados “santos sociais”, como vimos mais acima – fundadores e fundadoras de novos institutos religiosos, os quais, além da mística e da vida comunitária, tinham um forte caráter apostólico. Com eles, surgiram várias congregações com o olhar voltado para situações e/ou categorias de pessoas vulneráveis. Vimos anteriormente que emergia uma nova sensibilidade social na Igreja, onde vários igarapés passam a convergir para o grande rio da Doutrina Social da Igreja, cujo primeiro documento – *Rerum Novarum* – é contemporâneo dos padres e irmãs scalabrinianas. Nunca é demais insistir que, por sua abertura, diálogo e pioneirismo com os problemas do mundo moderno, temos aí os precursores remotos do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Convém lembrar, novamente, alguns exemplos e testemunhos de entre esses “santos sociais”, com seus respectivos carismas e atribuições: São João Bosco e a obra dos salesianos, voltada para a educação dos jovens; Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição (à qual pertencia Madre Paulina), atentas às famílias viúvas e carentes; vale não esquecer que tanto mineiros quanto operários morriam relativamente cedo; obra dos padres e irmãs Oblatos/as, presentes em meio aos marginalizados de uma época tão conturbada nas cidades inchadas; Frédéric Ozanam e a Obra de São Vicente de Paula, especializada no atendimento às famílias pobres e indigentes; obra de Adolf Kolping, numa tentativa de não perder para o socialismo os operários católicos; obra de Madre Cabrini, com o carisma idêntico ao de Scalabrini, isto é, acompanhar os migrantes nos Estados Unidos (GONÇALVES, 2004).

6 BEATIFICAÇÃO E CANONIZAÇÃO DE SCALABRINI

A vida de J. B. Scalabrini, juntamente com sua obra e seus escritos, levou à sua beatificação pelo então Papa João Paulo II, na cidade do Vaticano, em 9 de novembro de 1997. Vinte e cinco anos mais tarde, precisamente em 9 de outubro de 2022, no pontificado do atual Papa Francisco, Scalabrini vinha a ser canonizado, com a dispensa de um segundo milagre. Não custa perguntar: por que o Santo Padre acelerou o processo de canonização?

A esta altura, podemos retomar uma metáfora já utilizada. Três igarapés relevantes, entre outros, convergiram suas águas abençoadas para que Scalabrini fosse incluído na grande assembleia dos santos, a qual reúne homens e mulheres que ajudaram a engrandecer a história da humanidade. O pontífice reconheceu,

em primeiro lugar, a trajetória de vida de Scalabrini. Homem de Deus, da Igreja e dos migrantes, pela sua solicitude pastoral e dedicação incansável, e já com as forças debilitadas pela enfermidade que o levaria à morte, não hesitou em empreender duas viagens às Américas (Estados Unidos e Brasil). Fez da própria existência um dom de Deus oferecido aos pobres e desvalidos, de maneira especial ao povo sem pátria. Podemos dizer que realizou *avant la lettre* o mandato da “Igreja em saída”, tão caro ao Papa Francisco.

Em segundo lugar, o pontífice quis conferir maior visibilidade aos milhares e milhões de rostos, nomes, histórias, esperanças, sonhos e lutas – tudo isso esquecido pelas tortuosas estradas da migração. “As migrações hodiernas constituem o maior movimento de pessoas de todos os tempos. Nestas últimas décadas, este fenômeno, que envolve atualmente cerca de duzentos milhões de seres humanos, se transformou em realidade estrutural da sociedade contemporânea, e constitui um problema cada vez mais complexo do ponto de vista social, cultural, político, religioso, econômico e pastoral” (PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES, 2003).

Depois de duas décadas, o fenômeno da mobilidade humana só fez aumentar. Segundo a ONU, nos dias de hoje já seriam mais de 270 milhões os cidadãos que vivem fora do país que os viu nascer, isso sem levar em conta os deslocamentos internos. Dentre esses, ao redor de 90 milhões são refugiados, aqueles que não podem voltar atrás, sob pena de perseguição e morte. Numa palavra, no início do terceiro milênio as migrações se tornaram cada vez mais intensas e mais numerosas, mais complexas e mais diversificadas. Uma espécie de Quarto Mundo móvel, num vaivém contínuo, batendo de fronteira em fronteira, tentando fazer da fuga uma nova busca, na esperança de encontrar um novo solo pátrio. Gente que marcha e faz marchar a história. Não só vítimas da “economia que exclui, descarta e mata” (PAPA FRANCISCO, 2020, s/p.), mas também profetas e protagonistas de um amanhã recriado. O simples fato de migrar, por si só, de forma consciente ou inconsciente, questiona o país de origem, os países de trânsito e a sociedade de chegada. Leis mais flexíveis e diferentes relações internacionais se impõem.

Os migrantes habitam a areia movediça e minada da fronteira. Terra de todos, sempre aberta aos forasteiros e viajantes, mas igualmente terra de ninguém. Uma espécie de “não lugar”, uma noção ao mesmo tempo parecida e diferente do conceito cunhado por Marc Augé (1994). No fundo, um lugar incômodo, de passagem, contrário ao lar, onde nada nos é familiar. Ali nos sentimos estrangeiros e estranhos. A pessoa não vê a hora de retornar para a própria casa/pátria. Mas é justamente ali que está a mágica do migrante enquanto artifice de novos tempos. A experiência do “não lugar” pode se converter no “melhor lugar” para lançar os alicerces do “novo lugar”. Quem nasceu e cresceu em berço de ouro, tende a odiar qualquer tipo de mudança. Somente quem passou pelo terreno do “não lugar” pode fazer dele o “lugar privilegiado” para buscar um “novo lugar”. Talvez, por isso, Jesus nasceu e morreu fora dos muros da cidade, num território

de fronteira. O que pode indicar que o Reino dos céus tem suas raízes mais profundas na periferia, na esfera da utopia (“não lugar” em grego).

Por fim, mas em perfeita sintonia com os itens anteriores, o próprio pontífice, desde o dia em que foi eleito para a cátedra de Pedro, em março de 2013, revelou-se um verdadeiro defensor dos direitos humanos, com destaque para o caso dos migrantes e refugiados. Nesse aspecto, podemos tomar emprestada a feliz expressão de um jornalista italiano ao escrever que o Papa Francisco tinha “gestos que valem uma encíclica” (Corriere.it/)⁸. No que se refere ao campo da mobilidade humana, logo em julho de 2013, o Santo Padre fez questão de visitar a Ilha de Lampedusa, no extremo sul da Itália, lugar de chegada para os migrantes que, vindos dos mais variados países da África, tentavam chegar à Europa pela rota mediterrânea. Semanas antes da visita, uma embarcação tinha afundado com cerca de 800 pessoas a bordo, das quais somente uma dezena conseguiu se salvar. Em homenagem aos que haviam perdido a vida nesse grande “cemitério”, o pontífice jogou às águas uma coroa de flores.

Quase três anos mais tarde, ao fazer uma visita ao povo do México, em fevereiro de 2016, Jorge Bergoglio não deixou de marcar presença na fronteira desse país com os Estados Unidos. Trata-se de um lugar de muros, de intolerância e preconceito, de travessia perigosa e de morte para uma multidão de migrantes. Ali, onde tantos sonhos e esperanças foram interrompidas, o Papa se empenhou em ajudar diversas obras de acolhida e de passagem, especialmente em Ciudad Juarez e Nueva Laredo, consideradas das regiões mais violentas para os que tentam um futuro mais promissor no eldorado norte-americano.

Enfim, em dezembro de 2021, o Papa Francisco visitou igualmente a Ilha de Lesbos, na Grécia, porta de entrada para os migrantes que, vindos da África e do Oriente Médio, tentam alcançar os países europeus. Muitos permanecem barrados na Turquia, na Líbia e na Grécia, devido a uma política de segurança nacional que prevalece na União Europeia, quando se trata da chamada “crise humanitária”. Além da presença e da solidariedade aos milhares de migrantes confinados em precários acampamentos, o pontífice trouxe consigo algumas famílias de refugiados sírios, às quais providenciou abrigo na Itália às custas do Vaticano.

Sem dúvida, são gestos que valem uma encíclica. Falam bem mais alto do que as palavras. Mas também estas últimas têm sido usadas pelo Papa para chamar a atenção do mundo e das nações para o drama dos migrantes. Bastaria retomar as mensagens anuais para a “*Jornada mundial do migrante e refugiado*”, celebrada no último domingo de setembro. Na mensagem de 2022, por exemplo, o pontífice convidava a “construir o futuro com os migrantes e refugiados”, o que, como vimos mais acima, pressupõe considerá-los verdadeiros artífices de um mundo sob novas condições e sob novas relações nacionais e internacionais.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apenas umas palavras para colocar um ponto final na reflexão. Toda pessoa, grupo, comunidade ou nação que se abrem ao estranho e ao diferente, pavimentam a via para o Transcendente. Abrir-se ao encontro e ao diálogo com o outro é descortinar horizontes novos e inusitados que levam ao totalmente Outro. Se, para o filósofo J. P. Sartre (1997), o outro representa o “inferno”, para o também filósofo E. Lévinas (1980) o outro “consiste no caminho para chegar a mim mesmo”. E ainda H. G. Gadamer (1999), igualmente filósofo, dizia que “o outro tem algo a dizer não tanto sobre ele, mas sobre nós”. O outro, aquele que se vê e com quem se tropeça no cotidiano, ou Aquele que esconde seu rosto (*Deus absconditus*, de Santo Agostinho), constitui o espelho onde minha existência e minha identidade ganham relevo e algum brilho.

Não basta o conceito de multiculturalidade. Não basta a convivência pacífica ou a coexistência com o estrangeiro. É necessário ir além, muito além! Avançar para o encontro, o intercâmbio e o confronto. Somente o diálogo entre valores e expressões culturais e religiosas pode depurar e purificar as respectivas identidades envolvidas. A identidade de uma pessoa, grupo, comunidade ou nação cresce e se supera através de um confronto aberto, corajoso e permanente. Não existe identidade taxativamente acabada, estática. Ela se faz, desfaz e refaz através do olho no olho, do face a face com o outro/estranho/diferente. Um verdadeiro percurso de espiritualidade se percorre em termos horizontais (na busca e confronto com o outro) e em termos verticais, ou melhor, íntimos (na busca e confronto com o totalmente Outro).

NOTAS

1 DSI – **Corpus da Doutrina Social da Igreja (DSI)** - Conjunto de escritos, cartas, exortações que compõem o que se convencionou chamar de a “Doutrina Social da Igreja” (Católica).

2 GAY, Peter. **Experiência burguesa: da rainha Vitória a Freud**. 5 volumes. São Paulo,, Ed. Companhia das Letras, 2001; HOBBSAWM, Eric. **L'età dela revolucioze**. Ed. Rizzoli, Milano, Itália, 2013.

3 BRAUDEL, Fernand. **Il mediterraneo, lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni**. Milano, Ed. Bompiani, Milano, Itália, 2017.

4 GONÇALVES, Alfredo J. João Batista Scalabrini será santo, in: **Travessia**, revista do Migrantes. CEM -Centro de Estudos Migratórios, Ano XXXV, nº 94, maio-agosto de 2022, pág. 7-20.

5 SODRÉ, Nelson Werneck, **Formação histórica do Brasil**, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1971, 7 edição

6 GONÇALVES, Alfredo J. **Mobilidade humana na Doutrina Social da Igreja**, Edições Loyola, Ipiranga, São Paulo, 2000.

7 GONÇALVES, Alfredo J. Montanha-Casa/mesa-Caminho (oração-comunhão-caminho). **Mímeo**. Esquema utilizado em retiros espirituais. São Paulo, S/D

9 Título de um artigo no Jornal italiano “*Corriere della sera*”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGÈ, Marc. **Não-lugares**. Brasília-DF: Papyrus, 1994.

BÍBLIA. Mateus. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

_____. João. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

_____. Lucas. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

_____. Gênesis. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

_____. Deuteronômio. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

_____. Filipenses. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

_____. Mateus. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

_____. Atos. Português. In. **A Bíblia sagrada**: antigo e novo testamentos. Trad. Ivo Storniolo; Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990. Edição Pastoral.

BRAUDEL, Fernand. **Il mediterraneo**: lo spazio, la storia, gli uomini, le tradizioni. Milano: Ed. Bompiani, 2017.

CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **A evangelização no presente e no futuro da América Latina**. Doc. Puebla. São Paulo: Loyola, 1979. 3ª edição.

CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe**. Doc. de Aparecida. São Paulo/Brasília-DF: CNBB, Paulus e Paulinas, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Trad. B. A. Schumann; supervisão, José Paulo Netto. - [Edição revista]. São Paulo: Boitempo, 2010. 388p. Col. Marx-Engels

GADAMER, Hans-Georg, **Verdade e método**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

- GAY, Peter. **Experiência burguesa**: da rainha Vitória a Freud. 5 volumes. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GIRARD, René. **Des choses cachées depuis la fondation du monde**. Paris/France: Ed. B. Grasset, 1978.
- GONÇALVES, Alfredo José. O que é Doutrina Social da Igreja? in: CNBB – CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Temas de Doutrina Social da Igreja** - Projeto Nacional de Evangelização “Queremos ver Jesus, caminho, verdade e vida”. Caderno 1. São Paulo/Brasília-DF: Paulus, Paulinas, 2004.
- GONÇALVES, Alfredo J. João Batista Scalabrini será santo. **Travessia**, revista do migrantes. CEM -Centro de Estudos Migratórios, Ano XXXV, nº 94, maio-agosto de 2022, pág. 7-20.
- GONÇALVES, Alfredo J. **Mobilidade humana na Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Loyola, 2000.
- GONCALVES, Alfredo J. Montanha-Casa/mesa-Caminho (oração-comunhão-caminho). **Mimeo**. São Paulo s/d. Esquema utilizado em retiros espirituais.
- HOBBSAWM, Eric. **L'età della rivoluzione**. Milano: Rizzoli, 2013.
- LÉVINAS, Emmanud . **Totalidade e infinito**. Lisboa/Portugal: Edições 70 Lda., 1980
- PAPA LEÃO XIII. **Carta encíclica “Rerum Novarum”** – sobre a condição dos operários. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1891. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html> . s/d/a
- PAPA FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco para o evento “Economy of Francesco”**. [Assis, 26-28 de março de 2020]. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.html>. Acesso em: 27 out. 2021.
- PEROTTI, Antonio. **Scalabrini e as migrações no contexto histórico das migrações europeias nas Américas**. Vol 1. Roma: Instituto Histórico Scalabrini, 2004.
- PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2004.
- PONTIFÍCIO CONSELHO DA PASTORAL PARA OS MIGRANTES E OS ITINERANTES . **Erga migrantes caritas Christi**. Vaticano: Ed. Vaticano, 2003. Apresentação.
- SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdigão. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1997. Págs. 593-595.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **Formação histórica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1971. 7ª ed.
- VATICANO II. **Gaudium Et Spes**. Roma: Livreria do Vaticano, 1965.

RESUMO

Este artigo procura trazer à luz três características fundamentais da vida e obra de São João Batista Scalabrini. Os “pés no chão”; os “olhos em Deus”; e as “mãos solidárias”. Os “pés no chão” expressam sua meticulosa atenção aos sinais dos tempos, o que o torna uma figura antenada com os acontecimentos que marcaram o século XIX, bem como a virada para o século XX. Entres outros, representa um homem de sua época, atento e sensível aos temores e tremores que sacudiram a Europa e o mundo em transformação. Os “olhos em Deus” dão conta de sua profunda espiritualidade, centrada, por sua vez, na devoção reverente à Eucaristia, à Maria e à Cruz. Desse tríplice poço, rico e abundante, brotará a água viva e vivificante que haverá de alimentar sua trajetória de pastor, como também aquela de pai e apóstolo dos migrantes. As “mãos solidárias” tentam abarcar toda sua obra sociopastoral, seja no zelo apostólico para com a diocese de Piacenza, norte da Itália, seja na solicitude social e pastoral para com os conterrâneos que, aos milhares e milhões, embarcavam por mares e oceanos *per far l'America*.

Palavras-chave: Scalabrini; Pastoral dos Migrantes; Espiritualidade.

ABSTRACT

This article seeks to bring to light three fundamental characteristics of the life and work of Saint John Baptist Scalabrini. The “feet on the ground”; the “eyes on God” and; “Solidarity Hands”. The “feet on the ground” express his meticulous attention to the signs of the times, which makes him a figure in tune with the events that marked the 19th century, as well as the turn of the 20th century. Among others, he represents a man of his time, attentive and sensitive to the fears and tremors that shook Europe and the changing world. The “eyes on God” convey his profound spirituality, centered in turn on reverent devotion to the Eucharist, the figure of Mary and the Cross. From this triple well, rich and abundant, will flow the living and life-giving water that will nourish his trajectory as a shepherd, as well as that of a father and apostle of migrants. The “hands of solidarity” try to encompass all of his socio-pastoral work, whether in the apostolic zeal for the diocese of Piacenza, in northern Italy, or in the social and pastoral solicitude for fellow countrymen who, by the thousands and millions, embarked across seas and oceans *per year. far l'America*.

Keywords: Scalabrini; Pastoral of Migrants; Spirituality.